

Rituais escolares no 5º grupo escolar “Barão do Rio Branco”

Rituales escolares en el 5º grupo escolar "Barão do Rio Branco"

Mário Allan da Silva Lopes
Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
Belém-Brasil

Resumo

Este artigo parte da investigação desenvolvida no mestrado em educação (UEPA, 2016-2018) e objetiva analisar rituais do 5º grupo escolar Barão do Rio Branco, como as festividades de fim de ano e os desfiles escolares, no período de 1900 a 1905. É uma pesquisa documental que utilizou o Jornal Província do Pará de 1905, edições da Revista A Escola de 1903 e 1904 e o relatório do 5º grupo escolar de 1910. Os rituais escolares contribuíram para a formação intelectual, moral e cívica dos que frequentavam a instituição. Os desfiles escolares representavam civilidade, educação e patriotismo com o intuito de mostrar para a sociedade a excelência com que se educavam as crianças republicanas nessa instituição. As festas de final de ano também eram momentos de aprendizado, inculcando nas crianças valores republicanos, objetivando a manutenção e o desenvolvimento de um regime que estava se estabelecendo no Brasil.

Palavras-chave: Rituais escolares; 5º grupo escolar; Festas Escolares.

Resumen

Este artículo parte de la investigación desarrollada en la maestría en educación (UEPA, 2016-2018) y objetiva analizar rituales del 5º grupo escolar Barão do Rio Branco, como las festividades de fin de año y los desfiles escolares, en el período de 1900 a 1905. Es una investigación documental que se utilizó el Diario “Província do Pará” de 1905, ediciones de la Revista La Escuela de 1903 y 1904 y el informe del 5º grupo escolar de 1910. Los rituales escolares contribuyeron a la formación intelectual, moral y cívica de los que frecuentaban la institución. Los desfiles escolares representaban la civilidad, educación y patriotismo con el propósito de mostrar a la sociedad la excelencia con que se educaban a los niños republicanos en esta institución. Las fiestas de fin de año también eran momentos de aprendizaje, inculcando en los niños valores republicanos objetivando el mantenimiento y el desarrollo de un régimen que se estaba estableciendo en Brasil.

Palabras-clave: Rituales escolares; 5º grupo escolar; Fiestas Escolares.

Introdução

Este artigo é resultante da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, realizado entre os anos de 2016 a 2018, e tem por objetivo analisar alguns rituais escolares que ocorreram no 5º Grupo Escolar Barão do Rio Branco, como as festividades de fim de ano e os desfiles escolares, entre os anos de 1900 a 1905. Olhar para dentro e fora da escola permitiu captar o espírito republicano presente nesse grupo escolar durante o regime de mesmo nome.

A pesquisa é do tipo documental e bibliográfica. Para Bacellar (2005), a pesquisa de caráter documental se apoia em documentos escritos, orais, iconográficos, entre outros. Para este artigo, trabalhamos com as seguintes fontes: o Jornal Província do Pará (1905), a Revista A Escola (1903 e 1904), o relatório do 5º grupo escolar de 1910 e mensagens do governo do estado de 1902, 1903, 1904 e 1905.

Para Severino (2007), a pesquisa bibliográfica “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores [...] como livros, artigos, teses etc.”. Para contribuir com esse debate, dialogamos com Goffman (2015), McLaren (2007), Lopes e Galvão (2001), Lopes (2006), Cândido (2007) e Souza (1998; 2014).

As fontes documentais são materiais utilizados pelo historiador para compreender uma determinada realidade social. Elas permitem nos aproximarmos do passado, visto que o passado nunca será conhecido plenamente, como afirmam Lopes e Galvão (2001, p. 77):

Em sua inteireza e completude, o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-lo em seus fragmentos, em suas incertezas. Por mais que o pesquisador tente se aproximar de uma verdade sobre o passado, apostando no rigor metodológico, permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços de história que se quer reconstruir.

Sendo assim, as fontes são trabalhadas com base no que propõem Severino (2007) e Franco (2005). De acordo com Severino (2007, p. 122), a análise de conteúdo “[...] descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras”. Já segundo Franco (2005), a análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que permite apreender muitas informações da fonte, sendo possível identificar quem é o seu emissor, pois é a partir dele que poderemos inferir algumas

intencionalidades da fonte, dado o contexto social, político e cultural da época, ou seja, entender o seu porquê.

Goffman (2015), em seu livro *Manicômios, prisões e conventos*, ao analisar as cerimônias institucionais que marcaram sua pesquisa sobre as instituições totais, destaca que as cerimônias que aconteciam nessas instituições eram momentos significativos para os sujeitos que lá viviam, pois eram capazes de unir em um mesmo espaço e para um mesmo fim aqueles que pela hierarquia imposta deveriam, ao menos pelas regras, estar separados.

Já Peter McLaren (2007), em seu texto *Los símbolos em el aula y las dimensiones rituales de la escolaridad*¹, faz uma discussão minuciosa sobre rituais escolares. O conceito de rituais era visto, principalmente, pelos antropólogos, como algo intrínseco a uma sociedade mais compactada, fechada nela mesma, como, por exemplo, as tribos indígenas. No que diz respeito à modernidade, considerar os rituais como um alicerce dos fundamentos sociais era uma ingenuidade, uma tentativa de mesclar ciência e religião. Ainda que houvesse várias tentativas de descartar o conceito de ritual da esfera científica, McLaren afirma que “hasta la fecha no ha habido ninguna refutación definitiva del ritual como una herramienta conceptual valiosa”² (2007, p.44), ou seja, a ritualidade no contexto social, não somente no círculo religioso, mas para além dele, é uma ferramenta valiosa para os estudos [científicos] sociais, pois permite conhecer as particularidades de uma sociedade. Para McLaren (2007), os rituais não são apenas um conjunto de ideias religiosas e tampouco estão associados unicamente a experiências misteriosas.

El concepto "ritual" no es simplemente un arcano de la idea religiosa. Por el contrario, se extiende más allá de la herencia religiosa humana. Este concepto tampoco está necesariamente vinculado a experiencias "misteriosas". Los ritualistas contemporáneos han deshecho el halo místico que rodea al ritual, y han establecido que los rituales constituyen la vida humana cotidiana, incluyendo las actividades seculares³ (MCLAREN, 2007, p.44).

No que diz respeito às instituições educativas, nesse caso o 5º Grupo Escolar Barão do Rio Branco, os rituais escolares tinham um papel fundamental, que iam muito além de unir as pessoas em prol do desenvolvimento escolar, mas também com relação ao desenvolvimento da república e da formação do cidadão republicano.

Como bem aponta Coelho (2002), esses festejos na República convidavam a sociedade a integrar-se no movimento patriótico, inserindo-os num universo de simbologias

Rituais escolares no 5º grupo escolar “Barão do Rio Branco”

e rituais que demarcavam e traziam do abstrato para o concreto, todo aquele sentimento que se instaurava na sociedade a partir do ideal republicano. Coelho (2002, p. 132) afirma:

A festa republicana chamava o cidadão a integrar-se ao universo de signos que redefiniam os parâmetros da sua lealdade à República e se reconhecia nela. Havia, portanto, uma nítida preocupação em formar uma *alma* republicana a habitar o corpo social, de modo que a República imperasse sobre todos os pensamentos e sobre todas as vontades, no que seria o substrato ético da consciência republicana.

O texto compreende três momentos. No primeiro, apresentamos o 5º Grupo Escolar, sua criação e a sua instalação na cidade de Belém-PA. No segundo, tratamos da educação entranhada nos desfiles escolares que ocorriam em Belém, e, por fim, no terceiro momento, focalizamos nossas análises nas festividades que aconteciam no 5º grupo escolar, regadas pelo patriotismo, ideais republicanos e de formação cidadã. Comumente, professoras discursavam para as crianças, colegas e a comunidade que participavam desses eventos.

O 5º Grupo Escolar Barão do Rio Branco

A modernização da educação já se fazia presente no Brasil desde a segunda metade do século XIX. Segundo Nery (2013), no século XIX, houve no Pará debates sobre a escolarização da população, tendo o governo provincial expedido várias medidas com o objetivo de fomentar esse propósito. Esses debates estenderam-se até o período republicano, período em que aconteceram grandes mudanças no cenário educacional brasileiro.

Segundo Souza (2014), no fim do século XIX, os governistas republicanos implantaram em São Paulo, no ano de 1893, um modelo escolar considerado moderno para a época. A criação dos grupos escolares marcou a renovação da era republicana, promovendo uma formação mais eficiente aos professores, a introdução de métodos ligados à prática e experiência, e espaços bem mais organizados para o funcionamento dessas instituições. Nesse sentido,

No âmbito das instituições escolares, a criação dos grupos escolares foi o marco da modernização educacional paulista. A superioridade organizacional e material dos grupos escolares fez com que fossem considerados estabelecimentos escolares arquetípicos do que de melhor havia no ensino público primário (SOUZA, 2014, p. 105).

Foi no governo de José Paes de Carvalho que foram criados e implantados os primeiros grupos escolares no Pará. Com o decreto de nº 625, de 02 de janeiro de 1899, o

ensino primário passou a ser ofertado em grupos escolares. Abaixo segue um pequeno trecho do decreto:

O Governo do Estado usando da autorização que lhe foi concedida pela lei n. 593 de 25 de Junho do ano findo, resolve decretar a reforma do ensino primário do Estado, mandando que se observe o *Regulamento Geral do Ensino Primário* que com este baixa.

[...] Art. 84 – Nos distritos escolares da capital e nas sedes dos municípios nos quais houver pelo menos quatro escolas de ambos os sexos, no raio fixado para a obrigatoriedade, o Governo poderá reuni-las e fazê-las funcionar em um só prédio⁴ (PARÁ, Regulamento da Instrução Pública - Decreto n. 625 de 2 de janeiro de 1899, p. 04, 24).

O 5º grupo escolar foi instalado em Belém, capital do Pará, em 1902, no governo de Augusto Montenegro. Por ser a capital, a cidade de Belém foi agraciada com muitas obras que contribuíram com o embelezamento da cidade. Em 1900, contava a cidade com 96.560 habitantes, conforme aponta Sarges (2010).

Na capital, a organização espacial dos grupos escolares compreendia as áreas que pudessem abranger a maior quantidade de aluno possíveis, para que assim alcançassem um número de matrículas significativo. A organização espacial era a seguinte:

Quadro 1: Grupos Escolares de Belém.

Grupo	Endereço	Fundação
1º Grupo Escolar	Rua Siqueira Mendes	Dec. Nº 1.133, de 22 de março de 1902.
2º Grupo Escolar	Trav. Benjamin Constant	Dec. Nº 1.067, de 12 de agosto de 1901.
3º Grupo Escolar	Rua Santo Antônio	Dec. Nº 1.190, de 7 fevereiro de 1903 (desanexado da Escola Normal pelo dec. Nº 1.413, de 12 de janeiro de 1906).
4º Grupo Escolar	Rua Padre Prudêncio, entre Av. Conselheiro Furtado e Praça Batista Campos (atual Rua Presidente Pernambuco)	Dec. Nº 935, de 7 de janeiro de 1901
5º Grupo Escolar	Av. Nazaré	Dec. Nº 1.133, de 22 de março de 1902.
6º Grupo Escolar	Praça Santa Luzia	Dec. Nº 1.029, de 8 de

Rituais escolares no 5º grupo escolar “Barão do Rio Branco”

		junho de 1901
7º Grupo Escolar	Trav. Angustura, entre as Avenidas 25 de Setembro e Alm. Barroso.	Dec. Nº 1.409, de 9 de janeiro de 1906.

Fonte: FEITOSA, 1987; PARÁ, Mensagem de 7 de setembro de 1907.

Nos anos iniciais das instalações dos grupos escolares, o Governo comumente alugava prédios para sediar essas instituições. É o caso do 5º grupo escolar, que, antes de ter espaço próprio, ficou sediado no Palacete do Sr. Francisco Acácio Correia, o Barão de Guamá, localizado à Av. Nazaré. O Palacete que abrigou inicialmente o 5º grupo escolar, nos dias atuais, funciona a Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM).

No ano de 1906, o governo de Augusto Montenegro adquiriu para o Estado, um excelente prédio, localizado na Av. Generalíssimo Deodoro, esquina com S. Braz (hoje Av. Braz de Aguiar) pelo valor de 5.000 libras, e que passou a ser o novo espaço do 5º grupo escolar no ano de 1907.

O 5º grupo escolar foi uma instituição bastante movimentada para a época da Primeira República. Dentre os grupos instalados na capital (conforme o quadro 1), o 5º grupo escolar alcançou posição de destaque, vindo a ser o segundo grupo escolar com mais alunos matriculados e frequentando as aulas em Belém, desde o momento de sua criação até por volta de 1905, período de análise deste trabalho.

Os dados de matrícula dos grupos escolares criados em Belém demonstram que a instalação dessas instituições movimentou positivamente a educação no Estado, visto que a quantidade de alunos matriculados nos cinco grupos escolares criados até 1902 era de 2.626 alunos, ultrapassando o número de alunos matriculados nas vinte escolas isoladas da capital. O quadro 2 demonstra a eficácia em alcançar a maior quantidade de alunos no Pará:

Quadro 2: Matrícula Escolar em 1902.

Instituição	Matriculados
Grupos Escolares	2.626
Escolas Isoladas	2.027
Escola Modelo	280
Interior	1.270
Total	6.203

Fonte: PARÁ, Mensagem de 07 de setembro de 1902, p. 35.

Já em 1903, vemos um grande crescimento da matrícula de alunos nos grupos escolares da capital. Algumas escolas isoladas já haviam sido extintas e novos grupos criados ou em fase de implantação. Conforme o quadro a seguir, percebemos este crescimento:

Quadro 3: Matrícula Escolar por volta de agosto de 1903.

Instituição	Matriculados
Grupos Escolares	2.092
Escolas Isoladas	634
Total	2.726

Fonte: PARÁ, Mensagem de 07 de setembro de 1903, p. 34.

A cada ano que passava, os grupos escolares vinham ganhando mais matrículas de alunos e inúmeras escolas isoladas vinham sendo extintas. No ano de 1904, a quantidade de frequência dos alunos já era bastante expressiva, com um total de 6.591 alunos nos grupos escolares de todo o Pará, sendo 3.132 só nos grupos da capital.

O 5º Grupo Escolar da capital foi um dos grupos escolares com maior número de alunos matriculados e frequentando as aulas. Isso é bem interessante, pois podemos perceber que esse grupo foi responsável pela formação de grande parte de Belém, sendo ultrapassado apenas pelo grupo localizado à Praça Santa Luzia conforme o quadro a seguir:

Quadro 4: Matrícula Escolar de 30 de junho de 1904.

Instituição	Matriculados
Grupo Escolar do 1º Distrito	476
Grupo Escolar do 2º Distrito	446
Grupo Escolar anexo à Escola Normal	342
Grupo Escolar José Veríssimo	602
Grupo Escolar à Avenida Nazaré	607
Grupo Escolar à Praça Santa Luzia	659
Total	3.132

Fonte: PARÁ, Mensagem de 07 de setembro de 1904, p. 47

No ano de 1905, o 5º grupo escolar já era o grupo com a maior quantidade de alunos matriculados, mantendo-se em uma espécie de competição com o grupo localizado na Praça Santa Luzia. Como já mencionado anteriormente, o prédio alugado para funcionar o grupo desempenhou um grande papel na acolhida aos alunos. As dependências do prédio, o cuidado e a preservação, provavelmente, contribuíram para tamanha procura pela instituição.

Rituais escolares no 5º grupo escolar “Barão do Rio Branco”

Além do mais, encontrava-se em uma área nobre da cidade que estava em fase de modernização. Podemos observar ainda nos dias de hoje a Av. Nazaré como uma das avenidas mais movimentadas de Belém, com muitos prédios. Abaixo segue o quadro das matrículas em 1905:

Quadro 5: Matrícula Escolar de 30 de junho de 1905.

Instituição	Matriculados	Frequência
Grupo E. do 1º Distrito	322	238
Grupo E. do 2º Distrito	456	296
Grupo E. da Escola Normal	358	319
Grupo E. José Verissimo	496	372
Grupo E. à Praça Santa Luzia	613	486
Grupo E. à Avenida Nazaré	620	435
Total	2.865	2.146

Fonte: PARÁ, Mensagem de 07 de setembro de 1905, p. 49

Verificando alguns pontos no que diz respeito à obrigatoriedade escolar, como a proximidade da escola, podemos inferir que as matrículas nos grupos escolares estiveram ligadas principalmente à proximidade da instituição à residência dos alunos. O 5º Grupo Escolar e o Grupo à Praça Santa Luzia estiveram dividindo o posto de instituições com o maior número de alunos matriculados e frequentando as aulas, como pode ser visto no Quadro 9.

Nos anos que se seguiram, as matrículas no 5º grupo escolar tiveram uma pequena queda, devido à procura pelo grupo escolar localizado à Praça Santa Luzia, como vemos no Quadro 4. Em 1906, chegou a ter 603 alunos matriculados com uma frequência de 426 alunos. Em 1907, foram nele matriculados 597 alunos, desse total, 414 alunos frequentavam as aulas.

Esse movimento escolar nessa instituição de alguma forma contribuiu para sua visualização perante sociedade e a política, inclusive foi uma instituição que recebeu várias visitas de pessoas ilustres da República paraense e, portanto, levava muito a sério os rituais que ali se realizavam, entre eles, as festas e os desfiles escolares, como conheceremos a seguir.

Desfiles escolares e o patriotismo republicano

Na Primeira República, as escolas realizavam eventos que permitissem aproximar-se da comunidade, divulgarem suas ações educacionais e o regime republicano. No 5º grupo escolar, as festividades que comemoravam a República, as atividades de exposição de trabalhos manuais, as festividades de fim do ano letivo, o recebimento de visitas de

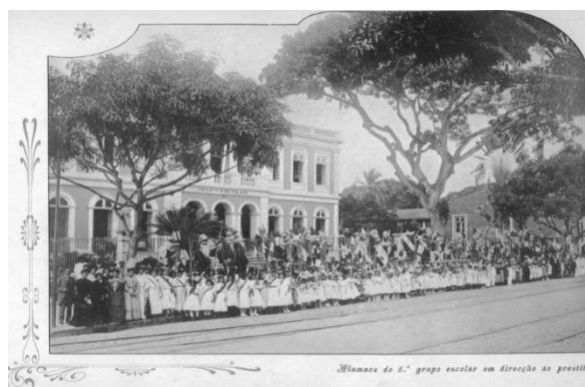
autoridades, entre outros, reuniam todos no grupo escolar para comemorar, confraternizar e renovar o espírito republicano.

Uma das principais atividades republicanas era os desfiles escolares em comemoração à Proclamação da República. Esses momentos de festejos eram parte de um compromisso patriótico para com a nação brasileira e também uma mostra de respeito por todos aqueles que lutaram pelo advento da República, como era frisado pelos governantes da época.

Lopes (2006) vem contribuir com o debate ao mostrar que esses momentos de festejos e cerimônias eram uma representatividade da presença da escola na cidade e, de certa forma, também a presença da cidade e da República dentro do ambiente escolar.

Nessas ocasiões, as ruas da cidade ficavam tomadas pelas escolas e pelos representantes governamentais, todos prontos para o desfile escolar. O que era apresentado nesses desfiles tinha muito a dizer sobre as escolas. Era um momento de mostrar organização, disciplina e amor à pátria que as escolas propiciavam aos seus alunos e alunas. Abaixo apresentamos uma imagem do 5º Grupo Escolar Barão do Rio Branco que tem muito a dizer sobre essa questão. Observamos na imagem um número significativo de alunos e alunas desse grupo bem vestidos, com roupas brancas, organizados para a participação no festejo de 7 de setembro de 1905.

Imagem 1: Alunos do 5º Grupo Escolar organizados para o desfile.



Fonte: Álbum da Festa das Creanças. Descrições e photographias, 7 de setembro de 1905. AILLAUD & Cª PARIS. Estado do Pará.

Na imagem, podemos perceber claramente a organização dessa escola em dias de festa. As crianças com roupas brancas transmitiam a sensação de leveza e paz, com seus espíritos juvenis de devoção e amor à pátria. Já os professores, com ternos pretos e as professoras com vestidos longos e pretos, diferenciavam-se dos alunos no quesito

vestimentas. Todos organizados, enfileirados, com enfeites e bandeiras hasteadas, deixando transparecer o dever e o prazer de viver na República paraense, indo em direção ao desfile escolar.

McLaren (2007) vem contribuir significativamente com esse debate quando nos traz o conceito de *rituales de revitalización* (p. 52), ou rituais de revitalização, que consistem em rituais que tinham a finalidade de renovar o compromisso, as motivações e os valores dos sujeitos que compunham a escola. McLaren usa como exemplo San Ryan, uma instituição católica, onde, nas reuniões dos funcionários, figuras, como o diretor, “[...] intentaban impulsar el estado de ánimo de los maestros y fortalecer el compromiso con los valores de la educación católica⁵” (2007, p. 52).

Los rituales de revitalización en el aula, generalmente tomaban la forma de emotivas discusiones entre maestros y estudiantes acerca de la importancia del aprendizaje, la excelencia del trabajo del curso, y los objetivos de la escuela. Para algunos estudiantes, las misas que congregaban a toda la escuela y las confesiones servían como rituales de revitalización que formalmente vinculaban los valores de la escuela y la Iglesia⁶ (MCLAREN, 2007, p. 52 – 3).

De acordo com Cândido (2007), a proposta de disseminar os ideais republicanos nas festas escolares era tão importante quanto a construção de prédios grandiosos. A divulgação fazia parte da proposta de expandir o ideal republicano por todo o estado e alcançar cada vez mais as crianças e os pais. Sendo assim, Cândido (2007, p. 118) afirma:

[...] tão importante quanto construir os prédios apropriados ao ato do ensino, realizar reformas, elaborar leis e decretos e formar profissionais para a área educacional, era mostrar aos alunos, aos professores e à sociedade como um todo, a importância que a educação possuía neste novo contexto político e social. A proposta educacional republicana esteve associada à disseminação da ideia sobre a relevância do ensino para o “progresso” e o desenvolvimento social e econômico do país, utilizando-se, para isso, das festas que celebravam a instituição escolar como “templo do saber e de luz” (CÂNDIDO, 2007 Apud CARVALHO, 1989; SOUZA, 1998).

Portanto, observamos que as festividades, mais do que apenas celebrar uma data comemorativa, tinham por finalidade preservar e divulgar a cultura do patriotismo e isso é percebido pela atenção que o governo dava para a realização desses eventos. A independência do Brasil representava a maior das conquistas por parte dos políticos republicanos e em todos os momentos isso era lembrado, para cada vez mais elevar o espírito republicano nos brasileiros. A festa das crianças era um desses momentos de

saudosismo republicano, como pode ser visto na notícia veiculada no jornal *Província do Pará* de 1905:

Pelas copiosas informações que temos inserido, sabe o público as grandes e importantes festas que hoje se realizarão em Belém, comemorando o dia em que constituímos esse esplendente evangelho sonhado pelo nosso patriotismo: a independência política do país.

Durante o dia far-se-ão os festejos de que nos temos ocupado, em edições anteriores, dos quais se destaca, pelo formoso encanto de sua graça e de sua originalidade a **feira das crianças**⁷, sob os auspícios carinhosos do Chefe o Estado. (JORNAL PROVINCIA DO PARÁ, 1905, p. 02, grifo nosso).

A festa das crianças era uma comemoração que tinha por finalidade propiciar momentos de lazer às crianças e ao mesmo tempo uma forma de despertar nelas o espírito republicano e patriótico. O desfile escolar, por exemplo, que ocorria no dia 7 de setembro, momento em que se comemorava a adesão a República, foi marcado por esse espírito patriótico. As escolas preparavam-se para essa data especial e todos deveriam estar engajados para uma apresentação espetacular nas ruas de Belém. Através da notícia, podemos perceber que o governo paraense participava dessas datas comemorativas com o intuito de exaltar a República brasileira e, nesse caminho, a escola primária se caracteriza cada vez mais como um meio de divulgar e fortalecer a República e o amor à pátria. A escola primária também reprimia, pois percebemos em todos os discursos governamentais e de outros setores da sociedade, que não havia espaço para quem não sentisse o amor e fosse devoto da República brasileira. Nesse sentido, segundo Souza (1998, p. 41):

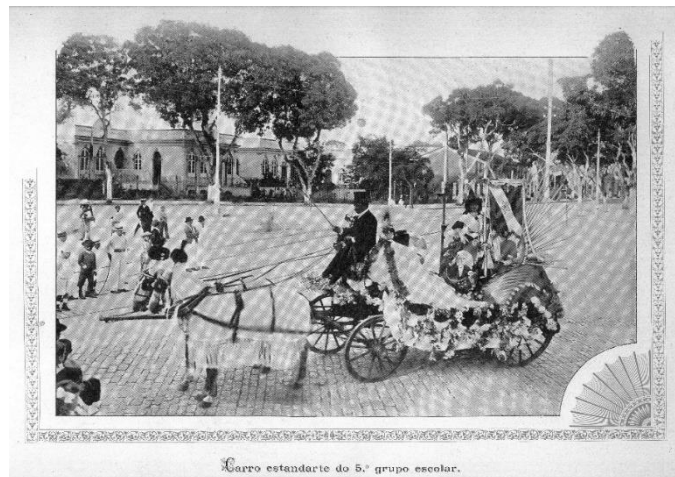
A escola primária republicana instaurou ritos, espetáculos, celebrações. Em nenhuma outra época, a escola primária, no Brasil, mostrara-se tão francamente como expressão de um regime político. De fato, ela passou ao celebrar a liturgia política da República; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria. Festas, exposições escolares, desfiles dos batalhões infantis, exames e comemorações cívicas constituíram momentos especiais na vida da escola pelos quais ela ganhava ainda maior visibilidade social e reforçava sentidos culturais compartilhados.

Como já vimos, os festejos escolares tinham o papel de fortalecer o sentimento de patriotismo no estado, por esse motivo, os governantes também participavam do desfile, dando o “ar de sua graça” pelas ruas de Belém, junto com as crianças.

Os carros de honra ou carros estandartes eram veículos de tração animal e serviam para representar as instituições escolares e do governo paraense nos desfiles. Eram

Rituais escolares no 5º grupo escolar “Barão do Rio Branco”
adornados com flores, bandeiras e quadros contendo representações da República. As crianças que desfilavam nesses carros eram aquelas que tinham obtido as melhores notas no ano letivo e que apresentavam bom comportamento. O 5º grupo escolar também possuía um carro estandarte.

Imagem 2: Carro de honra do 5º grupo escolar.



Fonte: Álbum da Festa das Crenças. Descrições e photographias, 7 de setembro de 1905. AILLAUD & Cª PARIS. Estado do Pará.

Como podemos verificar na foto, o carro estandarte do 5º grupo escolar era todo adornado com flores, tecidos brancos e vermelhos, que lembravam a bandeira do Pará. No fundo do carro estandarte estava estampada uma grande bandeira do Pará. Além de ser um desfile de exaltação à República, era também um momento de mostrar a exuberância do grupo escolar no desfile, visto que muitos pais e a comunidade prestigiavam esses momentos. O homem bem vestido, trajando calça preta, paletó, gravata e cartola, representava o prestígio do 5º grupo escolar. A aluna com um belo vestido, provavelmente feito à mão, longo, de cor preta com detalhes brancos e usando luvas brancas, demonstrava a classe, sutileza, delicadeza, estilo e organização que o grupo escolar precisava transparecer no desfile. Até os cavalos eram adornados com tecidos brancos, combinando com os adornos do carro estandarte.

Segundo a Revista de Ensino A Escola (1904), em 7 de setembro de 1904, foi comemorada a Independência do Brasil com um desfile escolar em Belém com aproximadamente 3500 crianças. O 5º grupo escolar foi uma das instituições que marcaram presença nesse evento, guiado pelo tenente coronel Aureliano Guedes. Além do 5º grupo escolar, também estiveram presentes no desfile a banda de música do instituto Lauro Sodré,

os alunos do Gentil Bittencourt, do grupo escolar José Veríssimo, do grupo escolar de Santa Luzia, do grupo escolar do 2º distrito, do grupo escolar do 1º distrito, do Ginásio Paes de Carvalho, da Escola de Direito, da Escola do Comércio e da Escola de Farmácia.

Os grupos escolares com seus carros estandartes, às 8h da manhã, saíram da Praça Saldanha Marinho, seguindo para a Rua João Diogo, Av. Dezesesseis de Novembro, Rua Pedro Rayol e Praça Independência, terminando nas proximidades do Palacete Municipal. Cada instituição era guiada pelos seus respectivos diretores, estando a frente do 5º grupo escolar o diretor Raimundo Bertoldo Nunes.

As festas Escolares e a disseminação das ideias republicanas

Trazendo para o contexto da República, os compromissos, motivações e valores estavam inteiramente ligados à civilidade, ao amor à pátria brasileira e ao governo republicano. Podemos verificar nos discursos dos Governos, de diretores e professores, a personificação desses sentimentos para com a República. Tinham o objetivo de animar o espírito republicano dos professores e alunos que faziam parte da hierarquia escolar, como era o caso dos diretores dos grupos escolares, que sempre exaltavam o compromisso e a qualidade das aulas dos professores de suas instituições quando escreviam seus relatórios para o Governo do Estado. Os professores, em algumas ocasiões, como em festa escolares, também faziam discursos, como é o caso do discurso feito pela professora Vigília Valle, do 5º grupo escolar⁸:

Discurso da professora dona Vigília Valle, no dia do encerramento das aulas do grupo escolar de Nazaré.

Sr. Diretor

Colegas:

O ato que hoje celebramos, por mais repetido que seja, há de sempre despertar a mais viva comoção nos corações sensíveis que o presenciarem.

Simples e singelo, como é, e como devem ser os de uma classe acadêmica, o pensamento que nele domina é tão elevado, que desperta a inteligência e toca o coração. É a festa das crianças e a vitória da infância, é o triunfo grandioso do gênio coroado pelo estudo: o gênio é o soberano do mundo.

O raio que na mão de Júpiter derribava soberbos castelos e altas torres, submisso à voz do gênio, vai sumir-se nos abismos; fiel mensageiro do pensamento, vai, ligeiro como ele, levar os seus segredos aos confins da terra; e os mares, que pareciam separar eternamente dois mundos, acolhem em seu seio a cadeia que os liga como irmãos.

Guiada pelo gênio, a elasticidade do vapor conduz em poucos dias além do Atlântico alterosas naus, que levavam anos a vence-los; transporta num momento aos campos da batalha aguerridos exércitos que arrancam ao inimigo a vitória que contava como certa; e, avizinando povos, que mal se conheciam pelo nome, faz de todos eles um só povo.

Rituais escolares no 5º grupo escolar “Barão do Rio Branco”

Rasgando as estranhas da terra, o gênio faz brotar do seio d’ela jorros de água que formam amenos jardins nos arais do Egito; e, desprendendo o gás, que alumia praças e ruas, torna a noite rival do dia.

Cansado da infidelidade do lápis e do pincel, o pintor obriga a luz a exercer a sua arte; e quase sem trabalho deixa a perder de vista as obras que a antiguidade admirou como seus primores.

Se, pois, essa antiguidade que, não viu nem sonhou as maravilhas do gênio, que nós vemos e apalpamos, assim mesmo lhe prestou culto e levantou estatuas; devemos nós, não só tecer-lhes coroas, senão também levantar-lhes altares e adorá-lo como uma faísca da divindade.

É o gênio que, pondo-nos em contato com esta, surpreende os seus segredos; e submetendo as forças da natureza ao império, do homem, faz que, sendo pelo corpo o animal mais fraco, se torne pelo espírito o rei do universo.

Cultivai, pois, adoradas crianças, o vosso espírito, com todas as forças do vosso coração; prestai culto ao gênio, oferecendo-lhe o estudo, o trabalho, e as vigílias, que são o tributo que ele aceita mais benigno e que retribui, satisfeito e contente, com a mão larga e verdadeiramente generosa.

Não esqueçais o templo e os sacerdotes, que o Grupo Escolar de Nazaré vai oferecer para esse culto, graças ao Exm^o. Governador do Estado, Dr. Augusto Montenegro; porque é na escola que vós apurais o sangue mais nobre que vos corre nas veias e vos prepareis convenientemente para os gloriosos combates da civilização.

Porque, enquanto sobre a terra existir uma criatura, formada à imagem de Deus e inspirada por aquele que fogo divino com que pode compreender o presente, o passado e futuro; profundar as entranhas da terra e abalançar-se ao céu; observar a mimosa flor, que vive um dia, o sol e os astros que afrontam os séculos, a educação e a instrução, que produzem estas maravilhas e regeneram a humanidade, não podem deixar de ser consideradas como uma obra divina e um sacerdócio.

Por isso, ilustres colegas, continuai sempre e sempre na vossa tarefa honrosíssima, cuja missão, - verdadeiro apostolado, - é a cultura dos interesses intelectuais, morais e religiosos, que produzem a ciência e a virtude. E vós, infância estremecida, que vedes coroados, já, os vossos primeiros trabalhos escolares, testemunho seguro de vossa inteligência, cultivai o estudo com todas as forças dos vossos afetos, porque ele e só ele vos pode avigorar o amor da pátria, o império da lei e da justiça.

São estes os fervorosos votos que do fundo da alma elevo ao céu.

Praza a Deus que não sejam um sonho, mas uma realidade; porque assim pagareis os desvelos de vossos pais e a instrução de vossos mestres. (REVISTA A ESCOLA, 1903, p. 57, 58 e 59).

Podemos observar no discurso da professora Vigília Valle o que McLaren (2007) nos apresenta sobre a necessidade de se renovar o espírito, que, trazendo para o contexto republicano, tratava-se da renovação do ânimo não só dos seus colegas professores, mas também das crianças que faziam parte do templo de saber que era o 5º grupo escolar.

Utilizando-se de metáforas, a professora Vigília apresentou uma fala que enaltecia o conhecimento e demonstrava o quanto estudar e aprender representava uma vitória para as crianças. Para os que chegavam ao fim do ano letivo com todo o saber adquirido no grupo escolar e com a passagem nos exames do ensino primário, esperava-se apresentar ao

Governo as mentes brilhantes que daquele templo saíram, ou como a própria professora exclama: o gênio!

De acordo com a fala da professora Vigília, podemos considerar a educação como um “ritual de oferendas”. Essas oferendas, apesar de ela posicionar-se principalmente quanto às atitudes dos alunos, também é possível estender até as ações dos professores. Vejamos, o gênio citado pela professora apresenta-se como um ser impalpável, superior e com muitas vantagens. É algo que permitiria aos alunos e alunas conquistas grandiosas, como “[...] faz[er] brotar do seio d’ela (terra) jorros de água que formam amenos jardins nos arais do Egito” (VIGÍLIA VALLE, Revista A Escola, 1903, p. 57).

Era para esse gênio que as crianças deveriam prestar culto e oferenda. Oferecer dedicação, esforço e tempo para o estudo era essencial para o bom andamento das aulas e para que ao fim do ano letivo o serviço que o grupo escolar prestou às crianças fosse bem visto pela sociedade e pelo Governo paraense.

E nesse árduo trabalho, os professores também deveriam cultivar em seus espíritos o compromisso com a República, com o Governo, com o grupo escolar e com os alunos e alunas que frequentavam a instituição. Mais do que um dever educacional, educar e instruir aqueles pequenos era um dever moral e religioso, semelhante a um sacerdócio, no qual o padre deveria conduzir seu rebanho ao encontro de Deus.

No fim do ano letivo, eram realizadas no 5º grupo escolar as festas de final de ano e, como já apresentado neste artigo, em algumas ocasiões, os professores proferiam palavras de enaltecimento e dedicação à pátria e ao ensino primário. Foi o caso da professora D. Olivia Lemos, que, na festa de fim de ano de 1904, recitou as seguintes palavras para os seus colegas:

Discurso recitado pela professora D. Olivia Lemos, do grupo escolar de Nazaré.

Exmo. Sr. Dr. Secretário da Instrução Pública. Minhas senhoras. Meus Senhores.

Com o acanhamento natural de quem reconhece a sua incompetência para ante tão seleta auditório, é que eu venho dirigir-vos a minha humilde palavra. Confio, entretanto, na vossa benevolência.

Educar e instruir, já o disse alguém, deve ser o objetivo constante de todos os que pensam o futuro da pátria, pois, só está garantido o progresso dela, quando apoiado na instrução das massas populares, no desenvolvimento das inteligências dos cidadãos.

E, realmente, a verdadeira felicidade de uma nação não consiste nos seus progressos materiais, mas sim no cultivo moral e intelectual do povo, porque só um povo instruído é capaz de entender e praticar a justiça, só um povo instruído é capaz de bem servir, honrar e amar a sua pátria.

Rituais escolares no 5º grupo escolar “Barão do Rio Branco”

Diz Renan que na luta da França com a Alemanha, a inferioridade da França foi sobretudo intelectual. E a prova disto encontra-se nas seguintes palavras de outro notável escritor: “A instrução popular não é somente o princípio do progresso, é a condição necessária da vida das nações: as que enfraquecem, as que definham, as que morrem; enfraquecem, definham e morrem pela ignorância. As que vivem, prosperam e dominam- vivem, prosperam e dominam pela instrução.

Para a felicidade desta terra que parece fadada a altos destinos, assim o tem compreendido o benemérito patriota dr. Augusto Montenegro e o muito ilustre e distinto Secretário da Instrução Publica.

Posso também assegurar-vos, exmo. Sr. Dr. Secretário, que todo o nosso empenho, toda a nossa dedicação, todos os nossos esforços são empregados em corresponder à vossa expectativa, isto é, são empregados em benefício da instrução do povo.

A vós, sr. Diretor Bertoldo Nunes, os nossos aplausos, pelo critério, proficiência, e intuição altamente pedagógica com que dirigis este estabelecimento de ensino, pela ordem e disciplina que nele sabeis manter, dia a dia, prestando reais serviços à educação e instrução pública.

E vós, minhas caríssimas colegas, vós que sois portadoras dessa luz benéfica que espanca as trevas da ignorância, que tendes a nítida compreensão dos vossos árduos deveres, que repartis com as crianças as riquezas do vosso espírito, não esmoreçais, não vos entibie o ânimo a indiferença que a sociedade vota ao professorado primário, prosseguir em vossa nobre e honrosíssima tarefa, convictas de que concorreis para a elevação moral e intelectual do povo, e, consequentemente, para o engrandecimento da nossa estremecida pátria, e essa só ideia equivale à melhor de todas as recompensas.

Por isso, mocidade, por isso, crianças para quem foi especialmente feita esta festa, estudai corajosamente, sede sempre diligentes no cumprimento dos vossos deveres, sede obedientes e gratos aos vossos pais e professores, afim de tornardes menos árdua e mais profícua sua missão.

Seja o perseverante estudo a primeira prova do vosso acendrado amor ao nosso caro Brasil.

Termino, meus senhores, agradecendo em nome do corpo docente deste grupo a gentileza do vosso comparecimento a esta simples e modesta festa das crianças. Se ela não vos agrada, desculpai-nos, atendendo a exiguidade do tempo que mediou entre a determinação de sua data e sua realização (A Escola, 1904, p. 282-83).

Nessa fala da professora Olivia Lemos, podemos destacar sua intenção de apresentar o quanto era importante e difícil o trabalho do professor do ensino primário durante o período republicano. Ela aponta a falta de valorização dos professores primários na sociedade, fazendo-os crer que isso não é motivo de desânimo, mas que deveriam se entregar cada vez mais a essa árdua missão.

Podemos observar em alguns momentos da fala da professora que a educação realmente era o meio para se conseguir um povo instruído para amar e servir a pátria e que, somente pela educação e instrução, a pátria brasileira alcançaria e garantiria o progresso.

Esses discursos e textos apresentados por professores, vez ou outra, apresentam dados necessários para uma discussão na história da educação. É possível encontrar até desabafos em meio aos discursos fielmente patriotas, o que nos indica que nem tudo era

como o Governo queria mostrar em seus jornais e relatórios. São histórias de professores que muitas vezes estavam desgastados com o trabalho nas escolas, mas tinham que cumprir a carga horária e tudo o que era imposto.

No relatório do 5º grupo escolar da diretora Maria do Amaral (1910), é descrita a programação e como ocorreu a festa de fim de ano dessa instituição. A festa contou com algumas apresentações literárias de alguns alunos do 5º grupo escolar, que recitaram poesias e comédias. Também houve apresentação de exercícios de ginástica realizados pelas alunas; distribuição de diplomas de estudos elementares, dos boletins com as médias dos exames e distribuição de prêmios para os alunos e alunas que mais se destacaram nos estudos. Os prêmios consistiam em livros de bons autores, como frisou a própria diretora. No início da festa e também no final, os alunos cantaram o hino à bandeira, depois o Secretário da Instrução Pública falou, proferindo palavras de contentamento na presença dos familiares, professores e comunidade ali presentes.

Nesse momento, também foi realizada uma exposição de trabalhos de costura das alunas, tendo sido apresentados em torno de 200 trabalhos de bordados a branco, de seda, lã, crochê e tricô. Também houve uma exposição de desenhos dos alunos. Foram apresentados aproximadamente 200 trabalhos, conforme a diretora Maria do Amaral. A exposição realizada no salão do prédio do 5º grupo escolar durou 3 dias, para que a comunidade pudesse visitá-la.

Essas exposições também serviam para mostrar os talentos que os alunos possuíam com trabalhos manuais e artísticos. Em uma sociedade que prezava pela boa aparência e bons modos, a mulher que realizasse os trabalhos manuais de casa de forma satisfatória era uma mulher para casar, um exemplo a ser seguido. Já a visão artística devia-se principalmente às influências europeias de apreciar a arte, algo habitual entre os europeus.

Esses rituais demonstram o controle e a fiscalização dos governantes paraenses sobre o que era realizado no grupo escolar. Tinham que fortalecer o ideário republicano dentro e fora das escolas, para que os alunos também fossem canais de transmissão desse ideário.

Considerações finais

Os estudos sobre instituições educativas são uma caixa de surpresas. Eles têm muito a dizer sobre a história da instituição e sobre aqueles que lá viveram. É grande o leque de

Rituais escolares no 5º grupo escolar “Barão do Rio Branco”

possibilidades que esses estudos oferecem aos pesquisadores. Podemos considerar que uma vida inteira não é suficiente para dar conta do universo cultural dessas instituições educativas.

Era grande a preocupação dos governantes com os grupos escolares durante a Primeira República, principalmente nos anos iniciais de 1899 a 1915, para que esses estabelecimentos de ensino proporcionassem aos seus alunos uma boa formação, contassem com professores qualificados, estruturas adequadas, materiais didáticos de qualidade e permeados pelo pensamento patriótico.

O 5º Grupo Escolar da capital, implementado no ano de 1902, pelo governo de Augusto Montenegro, em Belém do Pará, foi projetado para educar as crianças nos preceitos modernos e republicanos. As atividades desenvolvidas com as crianças tinham por objetivo despertar um sentimento de patriotismo. Esse sentimento fazia-se presente nos rituais escolares, nos livros didáticos e na arquitetura escolar.

Podemos aqui considerar os rituais como momentos de aprendizagem, por exigirem conhecimentos da pátria, no que diz respeito à história do lugar e das conquistas. Também podem ser considerados instrutivos por moldarem comportamentos e postura dos alunos, em respeito à pátria, a se preservarem sempre elegantes e a manterem os bons modos. É uma verdadeira pedagogia do civismo.

Os desfiles escolares eram um momento de exaltação à pátria e, para além disso, também eram momentos de o grupo escolar mostrar-se para a apreciação da sociedade. Era nesses eventos que mostrariam a eficiência da instituição para com seus alunos no que concerne o respeito, controle e organização ante os olhos de todos.

As festas escolares de fim de ano também marcaram o cotidiano do 5º grupo escolar. Eram momentos de festejos e comemorações pelo desenvolvimento do ano letivo. Essas festas representavam os resultados de todo um trabalho desenvolvido na instituição entre corpo docente e alunos, compreendendo várias fases e tipos de rituais escolares (exames, aulas, leituras etc.) culminando nas notas do boletim escolar.

Esses rituais representam momentos significativos para incutir nas mentes das crianças valores morais e patrióticos. Moldar os futuros republicanos por meio dos rituais escolares era uma preocupação constante nessa instituição de ensino, unindo alunos e professores nos mesmos espaços, juntamente com outras instituições, dividindo com elas esse sentimento pela nação.

Referências

5º GRUPO ESCOLAR. **Relatório do ano de 1910**. Belém: Typografia do Instituto Lauro Sodré, 1911.

A ESCOLA: revista oficial do ensino. Belém: Imprensa Oficial n.34, Janeiro, 1903.

A ESCOLA: revista oficial do ensino. Belém: Imprensa Oficial, n.54, Setembro, 1904.

CÂNDIDO, R. M. Cultura das escolas: as festas escolares em São Paulo (1890 – 1930). In: **30ª Reunião anual da ANPED**, Caxambu, MG, out. 2007. 18p.

FEITOSA, J. A. **A Educação no Pará**: Documentário. Belém: Secretaria de Estado de Educação, 1987.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. 79 p.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. [Tradução Dante Moreira Leite]. São Paulo: Perspectiva. 2015.

JORNAL A PROVINCIA DO PARÁ. Belém: Typographia d' O Futuro, 1905.

LOPES, A. P. C. A escola em festa: as festividades escolares na primeira república no Piauí. In: **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 6, 2006. Uberlândia, MG: UFU. 17 a 20 abril, 2006. p. 4365-4373.

MCLAREN, P. Los símbolos en el aula y las dimensiones rituales de la escolaridade. In: GIROUX, H. e MCLAREN, P. **Sociedad, Cultura y Educación**. Madrid: Ninõ e Derilo Editores. 2007.

PARÁ. Decreto nº 625 de 2 de janeiro de 1899 que reorganiza o ensino primário do estado. In: PARÁ. **Atos e Decisões**. Typ. do Diário Oficial: Pará, 1899.

PARÁ. **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1902 ao Congresso Legislativo do Estado do Pará**, pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado do Pará. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172?fulltext=&item_id=4015#c=4&m=134&s=0&cv=0&r=0&xywh=-298%2C-135%2C3810%2C2687>. Acesso em: 26 nov. 2018.

PARÁ. **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1903 ao Congresso Legislativo do Estado do Pará**, pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado do Pará. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172?fulltext=&item_id=4016#c=4&m=135&s=0&cv=0&r=0&xywh=-554%2C-155%2C4370%2C3083>. Acesso em: 26 nov. 2018.

PARÁ. **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1904 ao Congresso Legislativo do Estado do Pará**, pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado do Pará. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172?fulltext=&item_id=4017#c=4&m=136&s=0&cv=0&r=0&xywh=-449%2C-146%2C4129%2C2913>. Acesso em: 26 nov. 2018.

PARÁ. **Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1905 ao Congresso Legislativo do Estado do Pará**, pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado do Pará. Disponível em: <http://ddsnxt.crl.edu/titles/172?fulltext=&item_id=4018#?c=4&m=137&s=0&cv=0&r=0&xywh=-246%2C-132%2C3723%2C2626>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SARGES, M. N. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870 – 1912)**. 3. ed. – Belém: Paka-Tatu, 2010.

SOUZA, R. F. **Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

SOUZA, R. F. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, D. et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. p. 101 – 141.

Notas

¹Os símbolos em sala de aula e as dimensões rituais da escolaridade (tradução nossa).

²Até este momento, não há nenhuma refutação definitiva do ritual como uma ferramenta conceitual valiosa (tradução nossa).

³O conceito “ritual” não é simplesmente um arcano da ideia religiosa. Pelo contrário, se estende além da herança religiosa humana. Este conceito tão pouco está necessariamente vinculado a experiências religiosas. Os ritualistas contemporâneos têm dissolvido o misticismo que rodeia o ritual e têm estabelecido que os rituais constituem a vida humana cotidiana, incluindo as atividades seculares (tradução nossa).

⁴As citações, quando houver necessidade, serão adaptadas à atual norma padrão da língua portuguesa.

⁵Tentavam impulsionar o estado de ânimo dos professores e fortalecer o compromisso com os valores da educação católica (tradução nossa).

⁶Os rituais de revitalização em sala, geralmente, tomavam a forma de emotivas discussões entre os professores e os alunos acerca da importância da aprendizagem com excelência no que tange aos trabalhos e objetivos da escola. Para alguns alunos, as missas que congregavam nas escolas e as confissões serviam como rituais de revitalização que formalmente vinculavam os valores da escola e da igreja (tradução nossa).

⁷Grifo dos autores.

⁸Nas fontes apresentadas e citadas neste texto, mantivemos a ortografia original do período da Primeira República, portanto, será comum encontrarmos palavras com grafia diferente ou com falta de acentuação.

Outras informações

Este artigo foi produzido a partir da Dissertação defendida em 2018, no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade do Estado do Pará. Este curso de mestrado foi financiado pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA).

Sobre os Autores

Mário Allan da Silva Lopes

Doutorando em Educação (PPGED-UEPA); Mestre em Educação, na linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia (PPGED-UEPA); Integrante do Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia (GHEDA) da UEPA, vinculado à linha de pesquisa: História das Instituições Educativas, Intelectuais e Impressos. Atualmente, pesquisa no campo da história da educação na Amazônia Colonial. E-mail: m.allanlopes@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6682-4633>

Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França

Doutora em História, Filosofia e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia. E-mail: socorroavelino@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6974-2606>

Recebido em: 15/09/2022

Aceito para publicação em: 16/02/2022